PAIXÃO, EROTISMO E COMUNICAÇÃO. CONTRIBUIÇÕES DE UM FILÓSOFO MALDITO, GEORGES BATAILLE

PASSION, EROTICISM AND COMMUNICATION.
THE CONTRIBUTIONS OF A CURSED PHILOSOPHER,
GEORGES BATAILLE

CIRO MARCONDES FILHO*

Resumo: Êxtase, delírio, arrebatamento, encantamento são situações que remetem o homem ao extremo e são formas do *sagrado*. Fazem parte daquilo que Bataille chama de experiência interior, em que o sujeito assume uma condição de não-saber e o objeto, a de algo desconhecido. Esta vivência além das palavras é o que ele nomeia comunicação. O erotismo reúne várias formas dessa experiência: o contato dos corpos durante o ato sexual, a violência da paixão, as experiências sacrificiais. Na sexualidade, nós, seres descontínuos, buscamos, no ato, o contato com uma continuidade perdida.

Palavras-chave: comunicação, erotismo, transgressão, sagrado.

Abstract: Ecstasy, delirium, rapture, enchantment are states that are forms of *the sacred* and take human beings to their extremes. They are part of what Bataille calls interior experience, in which the individual assumes a condition of not-knowing and the object a condition of something not-known. This experience beyond words is what he calls communication. Eroticism brings together certain forms of this experience: the contact of bodies during the sexual act, the violence of passion, and the experience of sacrifice. Through sexuality we, as discontinuous beings, are, in the sexual act, seeking for contact with a lost continuity.

Keywords: communication, eroticism, transgression, sacred.

1. COMUNICAR COMO SE PERDER E SE MISTURAR

Georges Bataille (1897-1962), que não se considerava filósofo mas um santo, talvez um louco, foi um escritor e ensaísta, que em sua juventude presenciou os movimentos dadaísta de Tristan Tzara e surrealista de André Breton. O primeiro, anterior à Primeira Guerra, era hostil a qualquer pretensão literária ou artística, identificando revolta poética com revolução social.

* Ciro Marcondes Filho é professor da Escola de Comunicações e Artes da Univ. S. Paulo, SP, Brasil. E-mail: jrmfilho@usp.br

Tzara, determinado a destruir todos os valores estéticos, morais, filosóficos e religiosos sobre os quais repousava a sociedade ocidental, manifestava sua revolta através de uma crítica niilista da linguagem, buscando responder a incoerência da guerra, inútil e devastadora, através do absurdo. Breton, quase da mesma idade que Bataille, dá início, por volta de 1917, ao surrealismo. Após um período curto de amizade com Tzara, empreende a revolução poética surrealista buscando a exploração do inconsciente e a conquista de uma nova linguagem.

Mas é com os etnólogos Marcel Mauss e Michel Leiris que Bataille irá melhor se identificar em sua obra ensaística. Marcel Mauss, aluno de Émile Durkheim e editor do *Année sociologique*, desenvolve trabalhos em sociologia religiosa e publica em 1897-98 o *Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício* (*Essai sur la nature et la fonction du sacrifice*), mais tarde, em 1902, o *Esboço de uma teoria geral da magia* (*Esquisse d'une théorie générale de la magie*). Sua principal obra será o *Ensaio sobre o dom, forma arcaica de troca* (*Essai sur le don, forme archaïque de l'échange*) publicado entre 1932 e 1934. Michel Leiris, seu aluno, publicará seu Manual de etnologia em 1947.

Em 1925, Bataille lerá a primeira versão do *Ensaio sobre o dom* de Mauss e iniciará sua pesquisa que aproxima as experiências extremas ao erotismo e à comunicação. Oito anos depois, publicará na revista *La critique sociale*, seu artigo *A noção de despesa*. Nesta altura, já com mais de trinta e cinco anos, defende o fato de que consumir e não produzir constitui a principal atividade humana, o que provoca críticas de Sartre, nos *Cahiers du Sud*, que vai dizer que com Bataille estaria surgindo “um novo místico”. É neste período que Bataille está escrevendo sua *Suma Ateológica* (composta de *Sobre Nietzsche*, *O culpável* e *A experiência interior*). O erotismo virá apenas em 1957, cinco anos antes de sua morte, inspirado no livro *O espelho da tauromaquia*, de Michel Leiris, a quem ele dedica a obra.

Para ele, morte e sensualidade são fatores de desordem que incomodam a sociedade; esta os proíbe mas os homens buscam transgredi-las nas práticas religiosas e nas revoltas individuais. Comunicação, para Georges Bataille, tem um sentido muito especial. Está associada a uma experiência mais ou menos mística, sem palavras, comum de duas ou mais pessoas, como, por exemplo, no encontro dos corpos no erotismo, na paixão, no riso em que as pessoas “se perdem”, mas também no sacrifício como forma de contágio. Para melhor conhecê-la, será preciso compreender antes o que Bataille entende por *experiência interior*.

Há estados chamados de *extremo possível do homem*. São situações de êxtase, arrebatamento, delírio, encantamento, mas, basicamente formas de

êxtase que, segundo Bataille, devem ser analisadas “fora” da prática religiosa. Trata-se dos transe vivenciados em momentos livres de amarras, nus, pouco místicos no sentido tradicional. São “viagens”, mas viagens que – como na paixão – ultrapassam o limite, vão além das práticas que têm o conhecimento como meta, a saber, viagens em que se segue e se prossegue muito além do saber, da consciência, da razão. Uma recusa, portanto, das questões relacionadas aos projetos e às palavras, que, no seu modo de ver, estão ligados ao profano. O extremo do possível é alcançado por meio da experiência interior, e isso pertence ao campo do sagrado. Esse teria sido, na opinião de Bataille, o erro de Hegel, que teria reduzido o mundo à existência e ao trabalho, ou, dito de outra forma, ao pensamento discursivo e ao projeto, quando a comunicação, ao contrário, realiza-se fora disso, exatamente no campo do sagrado.

A experiência interior, enquanto extremo do possível, é o atingimento da fusão entre sujeito e objeto, um amalgamento que se realiza num plano totalmente extra-racional, pois aqui o sujeito deve manifestar-se como um não-saber e o objeto, como algo desconhecido. A filosofia que se constitui aí faz tábula rasa da necessidade de coesão dos conhecimentos, cria valores a partir do interior, de si mesmo, do êxtase, que é outra forma de se dizer da *comunicação*.

No erotismo (dos corpos, da paixão, do sacrifício) trata-se, por suposto, de uma comunicação sem palavras. O espírito, diz Bataille, só pode expor-se quando cessam as operações intelectuais de entendimento e compreensão. Os enunciados não contam nada, o que conta – diz ele, lembrando Michel Serres – “é o vento”. As palavras, ao contrário, são areias movediças em que afundamos para não ver as coisas; para sermos resgatados delas, para sermos desatolados, é preciso uma corda e essa corda é nossa parte muda, furtada, inapreensível, diz Bataille. Há coisas em nós – complementa – que precisamos apreender e que subsistem ao abrigo das servilidades verbais.

Muito antes de Michel Serres, Bataille já dizia que há uma diferença muito grande entre cheirar uma rosa e falar dessa mesma rosa. As palavras são escorregadias e o extremo, diz ele, está em outro lugar, que só é atingido quando *comunicado*. Mas, é sempre bom lembrar, comunicado quer dizer, vivido como êxtase, como fusão não-lógica, não-racional com o objeto, este também, desconhecido. Sequer a poesia tem condição de atingir o extremo possível do homem.

A comunicação tem antes a ver com a vontade de perder-se. Já conhecemos isso de Walter Benjamin, que dizia, em 1934, que não poder se orientar numa cidade não significava muita coisa, mas que para se perder, como a

gente se perde na floresta, para isso é preciso aprendizado. Para Bataille, a vontade de perder-se, de “entrar nas trevas da criança perdida, da angústia”, tem a ver com o poder de abolir o poder das palavras e do projeto.

No silêncio, mas também no sacrifício, nas situações de riso, na paixão pode-se exercitar o desapego ao mundo, o “ato de perder-se”. Nesses casos, comunica-se a experiência, ela perpassa a todos, todos a sentem, é algo que os atravessa como um incorpóreo dos estoicos. Diz Bataille, que a experiência não pode ser comunicada se os laços de silêncio, de desaparecimento, de distância, não mudam aqueles que ela coloca em jogo. E aí está algo decisivo, inclusive para o conceito de comunicação: comunicar é mudar algo no outro, é mudar o outro. Mas não conscientemente, deliberadamente, intencionalmente.

Caímos aqui, necessariamente, naquilo que Michel Serres havia chamado de *terceiro incluído*. Duas pessoas juntas dissolvem-se, no êxtase, uma na outra. Mas não se trata do amor, pois, o amor, diz Bataille, é possessão, é jogo em que se possui e se é possuído pelo outro. Não, aqui é diferente. Não há eu nem tu, não há sujeito nem objeto, mas apenas uma “brecha escancarada” entre nós dois por onde passa a comunicação. Não de mim para ti, nem de ti para mim, mas onde eu e tu perdemos nossa existência distinta.

A cena lembra as imagens que possivelmente tenham alimentado a ilustração de Michel Serres: um turbilhão, que é você, entra em choque com outros turbilhões semelhantes; cria-se uma vasta figura animada por uma agitação própria. Assim, viver, para cada um de nós, são os fluxos e os jogos de luz que se unificam em você, adicionados das passagens de calor e luz que trocamos, nós dois. Palavras, livros, monumentos, símbolos, risos, diz Bataille, são os caminhos desse contágio, dessas passagens. Dois amantes, Romeu e Julieta, Tristão e Isolda, Werther e Charlotte, o que são eles sem o amor que os amarra? Nada mais que dois seres pálidos, diz Bataille, sem nada de maravilhoso. O amor que os dilacera realiza este terceiro. Eu sou, assim como tu és, nesse fluxo de coisas, luzes e sinais, apenas os pontos da parada que favorecem ao jorro de ondas.

Assim, um grupo de pessoas que ri de uma frase ou de um gesto distraído ilustra que todas elas são percorridas por uma corrente de intensa comunicação. Cada pessoa sai de si mesma numa explosão fácil, abrindo-se, ao mesmo tempo, ao contágio da onda que repercute como as ondas do mar, cuja unidade é igualmente indefinida e precária.

Para que haja a liberação da comunicação é preciso, de qualquer forma, deixar a estabilidade, é necessário que a vida abandone a solidez vazia e triste e aceda ao feliz contágio do corpo e da luz, diz ele, que atinja os

“tumultos livres que as águas e os ares comunicam”. Por exemplo, Proust falava da fileira de árvores que o acostumara no caminho, falava de uma sala ensolarada. Não precisamos possuir a coisa para senti-la; nós a usufruímos exatamente no fato de estarmos perdidos, desatentos, “comunicando”. Daí não ser conveniente sairmos de nós e irmos ao objeto, possuí-lo, pois, neste caso, perdemos nosso estado interior.

Nosso verdadeiro ego, nosso *ipse*, inscreve-se, diz Bataille, nessa memória pura. O *ipse* não é o eu, ele não libera a essência escondida nas coisas, mas apenas a comunicação, quer dizer, aquele estado em que, atirados na cena, capturamos o desconhecido das coisas, o que está oculto nelas. O *ipse*, continua Bataille, é infinitamente frágil, trêmulo, consciente de sua fragilidade, muito diferente do eu seguro de si, “imaginando-se necessário e tentando conhecer”.

2. O CONTÍNUO E O DESCONTÍNUO

Georges Bataille dedica sua obra mais famosa, *O erotismo*, a Michel Leiris, cujo livro *O espelho da tauromaquia* o havia impressionado muito. Neste livro, o etnólogo e escritor faz um estudo da tourada e dos fenômenos radicais como fatos necessários à vida da sociedade. A tourada, além de esporte, é uma espécie de expressão estética e, conforme Leiris, nenhum prazer estético é possível sem que haja alguma forma de violação, transgressão, excesso. Neste caso, Leiris apóia-se na definição do belo em Baudelaire, que, além da conhecida tese da necessidade do elemento eterno e do elemento circunstancial na obra de arte, diz que o belo, além de falar numa ordem harmoniosa, supra-terrestre, fala também da necessária gota de veneno que ele porta e perturba o sistema.

O sexo significa para Leiris a impossibilidade da comunhão total de dois seres, comunhão essa que só se realizaria na morte, por exemplo, se os dois envolvidos se destruíssem mutuamente no paroxismo do ato sexual. Como isso não acontece, a “descida” do êxtase sexual provoca nojo, no dizer dele, nojo de uma decepção, de uma trapaça, do fracasso da não-fusão. Mas isso em pouco tempo já vira no seu contrário, pois, se passamos da plenitude à desilusão, o vácuo que isso provoca, diz Leiris, já conduz outra vez a uma nova aspiração delirante. O amor é desfeito pela sensação de insuficiência e é refeito pelo nosso desespero em refazê-lo.

O ato sexual seria, assim, no dizer de Leiris, a conjugação entre o reto e o torto. A sexualidade, pertencendo ao campo do sagrado, é “ápice da vertigem”, é um tabu, que está, ao mesmo tempo, acima do comum e em

posição contrária a ele, é prestigioso e é rejeitado, fato que marca, numa mesma operação, o torto e o reto.

A partir disso, Bataille constrói sua tese de que a reprodução coloca em jogo dois seres descontínuos com nostalgia da continuidade perdida. Somos seres descontínuos porque somos diferentes uns dos outros. Da mesma forma, geramos seres que são distintos entre si e de nós. O ser nasce só e morre só; entre um ser e outro, diz Bataille, há um abismo, uma descontinuidade. Nossa descontinuidade só recupera a continuidade na morte: “a reprodução leva à descontinuidade dos seres, mas ela coloca em jogo sua continuidade, quer dizer, ela está intimamente ligada à morte” (Bataille, 1957, p. 22). Isso quer dizer que vivemos a angústia da descontinuidade e a morte, suprimindo nossa individualidade, nosso traço específico, nossa singularidade, devolve-nos ao indistinto da continuidade. Mas não só a morte, também o ápice sexual, que nos devolve por alguns instantes à continuidade, antes de descermos para a “pequena morte”, que é sua retirada. Em alguns casos, o ato sexual é a própria morte, como no exemplo, citado por Bataille, do zangão, que morre ao fertilizar a abelha-rainha. No nosso caso, há uma morte simbólica, “a tristeza que se segue ao espasmo final pode provocar um gosto antecipado da morte” (Bataille, 1957, p. 158).

O encontro erótico, diz Bataille, nos dá um sentimento que supera tudo, “um sentimento tamanho que as sombrias perspectivas ligadas à situação do ser descontínuo caem no esquecimento” (idem, p. 39). O erotismo porta em si esse segredo, o segredo de “abordar a morte”, vendo nela a abertura à continuidade dos seres. Por isso é que Leiris falava dessa sensação de traça quando temos que “descer lentamente a ladeira na qual se converterá a escarpa tão prodigiosamente abrupta que ambos, há um instante, haviam galgado” (Leiris, 1938, p. 48-50).

Entretanto, a morte aterroriza. O morto, que está diante de nós, nos assusta. Diz Bataille que o enterramos para proteger seu cadáver, mas também para nos protegermos de seu “contágio”; o horror, diz ele, não está só preso ao aniquilamento do ser, mas também à podridão que devolve as carnes mortas à fermentação geral da vida (idem, p. 85).

Em torno do trauma da descontinuidade há, naturalmente, também, a angústia da transitoriedade. O homem se desespera pela idéia da não-permanência, pelo estatuto de “ser de passagem” neste planeta. Bataille diz que suportamos mal a situação que nos sujeita à individualidade do acaso, à individualidade perecível que somos. Nosso desejo é de algo que nos religue ao ser. Bataille, reproduz, nesse sentido, a frase de Bossuet, em seu *Sermont sur la mort*, de 1662, que diz que a natureza, quase invejosa do bem que nos

faz, declara freqüentemente e assinala que não pode nos ceder por muito tempo esse pouco de matéria que ela nos empresta, que essa matéria não deve permanecer em nossas mãos, e que deve ser trocada eternamente: a natureza precisa dela para outras formas, ela a reclama para outras obras.

Morte e sensualidade são, para Bataille, aquilo que Leiris afirmava do estético: prazer associado à violação, transgressão, excesso. São movimentos agudos de uma festa celebrada pela natureza com a multidão de seus seres, um desperdício em que ela age contra o desejo de durar e de permanência dos seres, em que ela realiza “a parte maldita”. São fatores de desordem e, por isso, interditados, proibidos, tornados tabus; práticas cuja transgressão só ocorre nos sacrifícios e orgias religiosos e nos atos individuais radicais.

3. COMUNICAÇÃO E O EROTISMO

O erotismo em Bataille é uma forma de viver o extremo do possível no homem, no sentido que demos acima, como uma situação de êxtase, delírio, encantamento não-religioso, verdadeira viagem que nos leva além dos limites lógicos, racionais. Ele é uma “experiência interior” em cada um de nós, experiência essa que é distinta da vida solitária da alma, de Edmond Husserl. O plano da interioridade de Husserl, o de seu monólogo interior, é o lugar das representações imaginárias e da fantasia, lugar de origem dos fenômenos expressivos puros, em uma palavra, *locus* de matriz das significações. É lá que tudo começa. Derrida viu nisso um ranço cartesiano em Husserl. Bataille livra-se dessa acusação ao dizer que o eu dilui-se na experiência interior e o objeto torna-se desconhecido. Em vez do eu, um *ipse* frágil, trêmulo, funde-se à coisa desconhecida. Nenhum traço, portanto, do sujeito cartesiano. Inclusive porque Bataille supõe a existência dessa experiência interior também nos animais. É uma experiência que implica um sentimento de si, sentimento este que não tem nada a ver com a consciência de si, frisa ele. Como a vida solitária da alma, contudo, é algo igualmente incomunicável.

O erotismo, de acordo com sua definição, é a aprovação da vida até à morte (logo, no extremo do possível), e na passagem de uma atitude normal ao desejo ocorre uma “fascinação fundamental pela morte”. Vimos isso na citação de Leiris, falando do paroxismo da comunhão total de dois seres: a paixão (Leiris fala: “o amor”), levada ao extremo, é um movimento de morte; em suas situações radicais, deseja-se muitas vezes morrer ou mesmo a morte do ser amado. O desejo de matar estaria aí, assim, associado ao desejo sexual, o que explicaria, segundo Bataille, também os massacres, onde existiria em cada homem um assassino em potencial.

Há algo de saboroso no suplício dos prisioneiros, constata Bataille. Pudemos ter provas suficientes disso nos relatos dos campos de extermínio nazistas, em que jovens oficiais e ex-presidiários que comandavam os campos desfrutavam prazeres singulares ao participarem da máquina de extermínio do regime totalitário. Este prazer, o prazer na morte do outro, o prazer do suplício, que, para Bataille, é mais saboroso que o próprio combate, liga-se ao extremo do possível. É tanto mais prazer, exatamente, pela sua radicalidade, pela sua transgressividade total, inusitada, única.

A transgressão é componente obrigatório do erotismo assassino. Canibais alimentam-se do outro, transgredindo o tabu da morte. Para Bataille, a transgressão é necessária à liberdade dos impulsos voluptuosos, mas, mais do que isso, a transgressão tem que ser evidente, contundente, ostensiva, espetacular. Sem isso, acredita, Bataille, não experimentaríamos o sentimento de plenitude que a realização sexual exige. Certas mulheres só conseguem atingir o orgasmo criando a fantasia da violação.

O erotismo, portanto, situa-se fora do campo da normalidade, da regularidade, da ordem. Ele está, ao contrário, no terreno da violação, da dissolução da ordem constituída. Maior a violação, maior o erotismo, maior o prazer. Diz Bataille que toda a atividade do erotismo tem por finalidade atingir o mais íntimo, o ponto onde ficamos sem forças. Seu objetivo é destruir a estrutura de ser fechado que temos, a estrutura de nossa descontinuidade, que nos separa dos outros, que nos torna seres avulsos no mundo. Daí assumir ele a forma de maldição, condenação, pecado.

A teoria de Bataille pode ser confirmada na linguagem cotidiana em que usamos palavras de origem sexual para amaldiçoar o outro, para puni-lo, para demonstrar nosso ódio. Aplicamos os termos sexuais para demonstrar nossa ira, nossa revolta, nossa vontade de matar o outro. Não associamos nesses momentos o sexo à plenitude maravilhosa da realização sexual; ao contrário, emerge aqui o mal-estar advindo do fato de o erotismo destruir essa estrutura fechada que temos e que, nas palavras de Bataille, “é um parceiro no jogo”.

Por outro lado, “erotismo é comunicação”, no sentido que vimos atrás, como vivência em comum como êxtase, fusão ilógica e irracional com o outro, situação em que cada um se perde na cena, se dissolve, compartilhamento de algo que contagia, que atravessa, que invade a situação e que transforma os participantes, quebrando sua estabilidade, levando-os ao tumulto livre das águas e das ondas. Isso é comunicação. Isso é paixão. Dispersão total do eu que se torna, na comunicação, apenas ponto de parada ou de passagem no jorro dessas mesmas ondas e movimentos. Tal é o caso do riso: vendo,

escutando rir, eu participo “de dentro”, grifa Bataille, da emoção do outro. A emoção, comunicando-se comigo, ri em mim, complementa ele. Isso tudo pode ser sentido no íntimo de cada um, e essa característica, sentir a coisa no íntimo, é a que separa das coisas materiais externas. “Geralmente, não podemos participar de uma pedra, de um pedaço de madeira, mas participamos da mulher que abraçamos” (Bataille, 1957, p. 238-9).

Tal definição de erotismo como comunicação impede que outras formas de relacionamento social, que não são diluidoras do eu, possam ser vistas como comunicação. A comunicação é um fato impossível. Um diálogo, uma palestra mantém a descontinuidade original, essa diferença primeira: a natureza nos faz nascer sós, não existe nenhuma espécie de relação de um homem com o outro (idem, p. 262). Vivemos, ao contrário, sob a crise do isolamento em nossa realidade fechada. Nosso isolamento só é rompido pela plethora dos órgãos, pela febre sexual, quando a violência sexual abre uma chaga, diz Bataille, chaga essa que permite a energia do novo, do estranho, daquilo que quebra os tabus.

No erotismo, desejamos nos desfazer, desejamos perder o pé da situação, mas essa sensação, por ser ambígua, é diferente da de morrer, diz ele. Desejamos nos dissolver na cena, morrer nela, mas, ao mesmo tempo, desejamos viver, viver muito, viver intensamente, morrer de viver. É o “morro de não morrer”, de Santa Teresa, que Bataille cita aqui como testemunho, morte de não morrer como o extremo possível da vida. Nesse caso, as práticas tântricas desviam-se do verdadeiro caminho, pois usam-se da excitação sexual apenas para provocar a crise mística e atingir estados superiores de meditação e de espiritualidade.

Em *Meu jantar com André* (Louis Malle, 1982) há um diálogo final que ilustra novamente a proximidade do êxtase sexual com a morte. André e Wally são dois amigos que conversam num restaurante e, a certa altura da conversa, Wally acha que ficar cara a cara com outra pessoa é algo de assustador. André responde que, de fato, há boas razões para isso, o ser humano é uma criatura complexa e perigosa... A questão é que, diz ele, quanto mais perto você chega do outro, mais misterioso e inacessível torna-se esse outro. Mas é preciso estender-lhe a mão, lidar com essa pessoa, você sabe que está se relacionando com um fantasma... Porque todos somos fantasmas, diz ele. E Wally: “Aceitar que se está sozinho é aceitar a morte...” Ao que responde André: “No sexo há um momento de esquecimento total. No momento seguinte, se começa a pensar... Temos medo de ficar naquele esquecimento porque é perto da morte... Você não sabe o que o momento seguinte lhe traria, até que aproxima-se a percepção da Morte... Por isso as pessoas têm

casos, é preciso ter algo nas mãos. A sensação é boa mas passa rápido... E, de novo, você não sabe bem o que deve fazer a seguir... Às vezes você se sente num terreno firme, mas não há a coisa – a esposa, o marido, o filho – ali. Onde está aquele filho?...”

4. EROTISMO DOS CORPOS, DOS CORAÇÕES E DO SAGRADO

No encontro sexual ocorre fusão e dissolução, como vimos em Leiris. Mas Bataille acredita que, neste caso, quem se desagrega é essencialmente a parte feminina, por ser passiva. O homem despe a mulher, retira-lhe a descontinuidade embutida em suas roupas, descarrega-a dela. A mulher torna-se, assim, despossuída, deixa de ser impenetrável, o homem a penetra (Bataille, 1957, p. 141). Basicamente, é a parte feminina que é aqui desagregada e o homem é aquele que participa dessa desagregação. Ela prepara a fusão, na qual se misturarão os dois seres, que, juntos, chegam ao ponto de dissolução.

Esse ponto é o que Bataille chama de “crise”. É quando homem e mulher tornam-se contínuos, “comunicam-se” (no sentido que ele deu acima a esta palavra) e cada ser contribui para a negação que o outro faz de si mesmo. É uma autonegação que, contudo, não leva ao reconhecimento do parceiro. De cada lado, temos um movimento interno que faz com que o ser saia fora de si segundo diferentes velocidades: a mulher mais lentamente, o homem de forma fulminante.

O que os projeta para fora de si é a pletora sexual. Nessa acepção, a posição de Bataille é próxima à de Emmanuel Lévinas: Eros não tem nada a ver com o amor, ele é exclusivamente não-fusão, o outro é aquilo que eu não sou, é assimétrico e irreduzível. Igual a Bataille, Lévinas acredita que a perda do controle pode se dar na morte ou na alteridade do Eros, momento em que o outro tem a liberdade exterior à minha.

Os corpos, quando se desfazem das roupas, conduzem à continuidade. A nudez opõe-se ao estado fechado e é uma forma de comunicação que está além do retratar-se a si mesmo. Diz Bataille que os corpos se abrem para a continuidade por meio desses “condutos secretos” que nos provocam o sentimento de obscenidade. Aqui também vemos um paralelismo com Lévinas. Para este, a nudez é abertura ao transcendente, à alteridade do outro. Com a vestimenta, o ser criou uma face através da qual ele passou a se anunciar; já na nudez, o ser está retirado do mundo, transferiu sua experiência para outro lugar. Em Lévinas, a relação com a nudez é a verdadeira experiência da alteridade do outro (Lévinas, 1947, p. 61).

Mas a nudez de Lévinas é distinta da de Bataille. Um rosto, para Lévinas, pode ser uma forma de nudez, nudez sem defesa, lugar em que o Infinito se mostra. E o carinho, que pode representar os “condutos secretos” de Bataille, jamais é um desnudamento do ser: a ternura da pele é o próprio desencontro entre aproximação e aproximado, é antes des-ordem, diacronia, prazer sem presente (Lévinas, 1971, p. 143-4).

Os corpos abrem-se para a continuidade por meio de condutos secretos que provocam a sensação de obscenidade, uma sensação incômoda, pois, o obsceno é algo semelhante à posse de si mesmo, àquilo que trava a abertura ao outro, um inibidor, portanto. E a abertura só se dá com a desposseção, com o jogo dos órgãos que se derramam na renovação da fusão, como diz Bataille, que é semelhante ao vai-e-vem das ondas que se penetram e se perdem umas nas outras. Também aqui a abertura no erotismo dos corpos é o mesmo que comunicação.

Ao despir uma mulher, o homem não apenas descarrega-a de sua descontinuidade, ele quer também profanar sua beleza. A beleza da mulher é uma recusa da sua animalidade e o homem deseja apaixonadamente essa beleza para poder sujá-la, profaná-la, nela introduzir sua sujeira animal. Leonardo da Vinci dizia que o ato da cópula era muito feio e que somente os belos rostos o salvavam. Mas Bataille refuta essa opinião dizendo que um rosto belo anuncia um corpo belo sob as roupas, e é preciso profanar esse rosto, essa beleza. O erotismo é o contrário disso, é sujeira, animalidade, profanação. Por isso, a feiúra não atrai, ela não pode ser profanada.

Na união do erotismo dos corpos com o erotismo dos corações, do ponto de vista do amante, apenas o ser amado pode realizar a plena fusão dos seres. Desta maneira, à fusão erótica junta-se o sofrimento, que é o mesmo que paixão. A intensidade do sofrimento revela a importância do ser amado. Nestes casos, o movimento do amor, no extremo, é um movimento de morte, a paixão faz apelo à morte, ao desejo de matar ou de suicídio. Se o amante não pode possuir o ser amado, pensa às vezes em matá-lo: prefere matá-lo a perdê-lo.

O erotismo do sacrifício já é de outra natureza. Como nos demais, ele provoca a sensação de dissolução do um no todo, portanto, a comunicação. Num rito solene, uma pessoa – um ser descontínuo – é escolhida para a cerimônia. O ato de sacrifício permite que se crie a continuidade desse ser, continuidade essa que é passada a todos aqueles que participam do rito solene, dedicando-lhe sua atenção. A vítima é subtraída do conjunto dos seres e ofertada à divindade para algum tipo de conciliação. Na linguagem de Bataille, ela é um excedente retirado da riqueza útil, que é consumida sem

lucro, destruída para sempre. É o que ele denomina parte maldita, aquele ser que é escolhido e prometido ao consumo violento. No sacrifício, a vítima torna-se contínua, ilimitada, próxima ao Infinito.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

Item 1

Georges Bataille, a recusa do pressuposto moral. “Considerando a morte e a sensualidade como fatores de desordem, a sociedade golpeou-as com a interdição, evocando assim a transgressão nas religiões (pelo sacrifício e pela orgia) ou a revolta nos indivíduos (a noção de prazer em Sade ou Gilles de Rais) (Cf. *La Part maudite*, 1947 e 1949. Desde então, Bataille opta pela ‘via árdua, movimentada, a do homem inteiro, não mutilado’: uma trilogia, *Somme athéologique (L’Expérience intérieure*, 1943; *Le Coupable*, 1944; *Sur Nietzsche*, 1945) ocupa-se com esta experiência, que recusa qualquer pressuposto moral, religioso ou mítico. (...) Ou, o homem, ignorante do erotismo, não é menos estrangeiro, no extremo do possível, do que ele o é, sem experiência interior” (L’homme ignorant de l’erotisme n’est pas moins étranger, au bout du possible, qu’il ne l’est sans expérience intérieure) (Nessmann, 1985, p. 183-184).

Extremo possível do homem, o sagrado. A experiência interior “[são] os estados de êxtase, de arrebatamento, pelo menos de emoção meditada. Mas penso menos na experiência ‘confessional’, à qual foi preciso ater-se até agora, do que numa experiência nua, livre de amarras, mesmo de origem, de qualquer religião que seja. É por isso que não gosto da palavra ‘mística” (Bataille, 1943, p. 11). “Chamo experiência uma viagem ao extremo do possível do homem. Esta ausência de equilíbrio não sobrevive à colocação em jogo da experiência, indo ao extremo do possível. Ir ao extremo do possível significa pelo menos isto: que o limite, que é o conhecimento como fim, seja ultrapassado” (Bataille, 1943, p. 11 e 16: a tradução brasileira diz “término” em vez de *extremo*). Contra Hegel: “ao confundir existência e trabalho (o pensamento discursivo, o projeto), ele reduz o mundo ao mundo profano: ele nega o sagrado (a comunicação)” (Bataille, 1943, p. 87).

Uma filosofia que se constrói no interior de um sujeito que se fundiu com o objeto. “A experiência atinge, para terminar, a fusão do objeto e do sujeito, sendo, como sujeito, não-saber, como objeto, o desconhecido. (...) Isto atingido como uma extremidade do possível, é sabido que a filosofia

propriamente dita é absorvida, e que, sendo já separada da simples tentativa de coesão dos conhecimentos, em que consiste a filosofia das ciências, ela se dissolve. E dissolvendo-se nesta nova maneira de pensar, ela se encontra sendo apenas herdeira de uma fabulosa teologia mística, mas mutilada de um Deus, e fazendo tábula rasa. (...) É a separação do transe dos domínios do saber, do sentimento, da moral, que obriga a *construir* valores reunindo *de fora* os elementos destes domínios sob a forma de entidades autoritárias, quando, no fundo, não era preciso procurar muito longe e, ao contrário, entrar em si mesmo para aí encontrar o que faltou, a partir do momento em que se contestaram estas construções. ‘Si mesmo’ não é o sujeito isolado do mundo, mas um lugar de comunicação, de fusão do sujeito e do objeto” (Bataille, 1943, p. 17). *Viver e conhecer*: “A comunicação ainda é, como a angústia, viver e conhecer” (Bataille, 1943, p. 45). *Experiência interior: êxtase contra o achatamento*: “A experiência interior é o êxtase; o êxtase é, aparentemente, a comunicação, opondo-se ao achatamento sobre si, do qual falei” (Bataille, 1943, p. 29).

Experiência interior, comunicação sem palavras. “É através de uma ‘íntima cessação de toda operação intelectual’ que o espírito se expõe.(...) A diferença entre a experiência interior e a filosofia reside principalmente no fato de que, na experiência o enunciado não é nada, senão um meio, e ainda, não somente meio, mas obstáculo; o que conta não é mais o enunciado do vento, é o vento” (Bataille, 1943, p. 21). *Sobre a areia movediça das palavras*. “Esta areia, onde afundamos para não ver, é formada de palavras e a contestação, devendo servir-se delas, faz pensar (...) no homem atolado, debatendo-se, e que seus esforços afundam com certeza (...). Dessas areias não sairemos sem que alguma corda nos seja estendida. Ainda que as palavras drenem em nós quase toda a vida (...) subsiste em nós uma parte muda, furtada, inapreensível” (Bataille, 1943, p. 22). “Precisamos apreender em nós o que subsiste ao abrigo das servilidades verbais” (Bataille, 1943, p. 23). “Não podendo e não querendo recorrer à ascese [cristã], devo ligar a contestação à *liberação do poder das palavras*, que é o domínio” (Bataille, 1943, p.23). *Palavra escorregadia*: “a diferença entre cheirar uma rosa e falar sobre ela” (Bataille, 1943, p. 24). *Extremo do possível: nem literatura, nem poesia*. “Não se pode saber nada do homem que não tenha tomado forma de frase, e o entusiasmo pela poesia, por outro lado, considera as intraduzíveis seqüências de palavras como o cimo. O extremo está alhures. Ele só é inteiramente atingido quando comunicado (o homem é múltiplo, a solidão é o vazio, a nulidade, a mentira). Se qualquer expressão testemunha isso, o extremo é

diferente. Ele nunca é literatura. Se a poesia o exprime, ele é distinto disso: a ponto de não ser poético, pois, se a poesia o tem por objeto, ela não o atinge. Quando o extremo está lá, os meios que servem para atingi-lo não estão mais lá” (Bataille, 1943, p. 56). “A recusa de comunicar é um meio de comunicar mais hostil, mas o mais potente” (Bataille, 1943, p. 56).

Comunicação: vontade de perder-se: abolir o poder das palavras, do projeto. “Imaginemos agora uma vontade diferente e mesmo oposta, onde a vontade de ‘tornar-se tudo’ seria olhada como um obstáculo a essa vontade de se perder (de escapar ao isolamento, ao achatamento do indivíduo)” (Bataille, 1943, p. 30). “A angústia supõe o desejo de comunicar, isto é, de me perder, mas não a resolução inteira: a angústia testemunha do meu medo de comunicar, de me perder” (Bataille, 1943, p. 59). “Comunicação, experiência de “perder-se”, entrar nas trevas da criança perdida, na angústia” (Bataille, 1943, p. 60).

Comunicação como pôr em jogo, como sentir junto. “O domínio da experiência é todo o possível. E na expressão que ela é dela mesma, no final, necessariamente, ela é tanto silêncio quanto linguagem. Não por impotência. Toda linguagem lhe é dada, e a força de empregá-la. Mas o silêncio é *escolhido* não para esconder, mas para exprimir um grau a mais de desapego. A experiência não pode ser comunicada se os laços de silêncio, de desaparecimento, de distância, não mudam aqueles que ela coloca em jogo” (Bataille, 1943, p. 36). [*Pôr em jogo*, “sentir junto” como no silêncio e no riso, cf. nota em Bataille, 1943, p. 192].

Comunicação é diferente do amor. “O êxtase não é o amor: amor é possessão à qual é necessário o jogo, ao mesmo tempo possuidor do sujeito, e possuído por ele. Não há mais sujeito-objeto, mas ‘brecha escancarada’ entre um e outro e, na brecha, o sujeito, o objeto são dissolvidos, há passagem, comunicação, mas não de um a outro: *um* e *outro* perderam a existência distinta” (Bataille, 1943, p. 66).

Comunicação como turbilhão. Comunicação são as trocas de calor, luz, de uma pessoa à outra; palavras não são nada (cf. Bataille, 1943, p. 101). “O turbilhão durável, que te compõe, choca-se com turbilhões parecidos com os quais ele forma uma vasta figura animada de uma agitação medida. Ora, viver significa, para ti, não somente os fluxos e os jogos fugidios de luz que se unificam em ti, mas as passagens de calor ou de luz de um ser a outro,

de ti ao teu semelhante ou do teu semelhante a ti (...): as palavras, os livros, os monumentos, os símbolos, os risos são apenas caminhos desse contágio, dessas passagens. (...) Assim, não somos nada, nem ti nem eu, junto das palavras ardentes que poderiam ir de mim para ti, impressas numa folha... Do mesmo modo, o que significam dois amantes, Tristão e Isolda, considerados sem o seu amor, numa solidão que os deixa em alguma ocupação vulgar? Dois seres pálidos, privados do maravilhoso; nada conta senão o amor que juntos os dilacera” (Bataille, 1943, p. 101). *Comunicação como fluxo, relações*. “Eu sou e tu és, nos vastos fluxos das coisas, apenas um ponto de parada favorável ao jorro. (...) As glórias, a maravilha da tua vida, ligam-se a esse jorro da onda que se estabelecia em ti, no imenso barulho de catarata do céu” (Bataille, 1943, p. 101).

O riso, as ondas do mar, a comunicação. “Do começo ao fim desta vida humana, que é o nosso lote, a consciência do pouco de estabilidade, até a profunda falta de qualquer verdadeira estabilidade, libera os encantamentos do riso. Como se, bruscamente, essa vida passasse de uma solidez vazia e triste ao feliz contágio do calor e da luz, aos tumultos livres que as águas e os ares se comunicam: as explosões e os surtos de riso sucedem à primeira abertura, à permeabilidade de aurora do sorriso. Se um conjunto de pessoas ri de uma frase, revelando um absurdo, ou de um gesto distraído, elas são percorridas por uma corrente de intensa comunicação. Cada existência isolada sai de si mesma, devido à imagem, traindo o erro do isolamento imobilizado. Ela sai de si mesma numa espécie de explosão fácil, ao mesmo tempo abre-se ao contágio de uma onda que se repercute, pois os que riem tornam-se juntos, como as vagas do mar, não há mais separação enquanto dura o riso, eles não estão mais separados do que duas ondas, mas sua unidade é tão indefinida, tão precária quanto a da agitação das águas” (Bataille, 1943, p. 102).

Sobre a memória em Proust. “Imagino que a profunda avidez de prazer de Marcel Proust ligava-se ao fato de que ele só podia usufruir de um projeto tendo sua posse assegurada. Mas esses momentos de intensa comunicação que temos com o que nos circunda – quer se trate de uma fileira de árvores ou de uma sala ensolarada – são em si menos apreensíveis. Somente usufruímos deles na medida em que comunicamos, em que estamos perdidos, desatentos. Se deixamos de estar perdidos, se nossa atenção se concentra, deixamos igualmente de comunicar. Procuramos compreender, captar o prazer: ele nos escapa” (Bataille, 1943, p. 149).

A memória libera comunicação. Ao irmos ao objeto, perdemos nosso estado interior. Indo ao interior, mesmo assim, nossa atenção desliza-se ao objeto. Só o silêncio, a memória pode nos levar ao interior (cf. Bataille, 1943, p. 149). Diz Bataille: “Esta memória pura em que se inscreve nosso ‘verdadeiro ego’, *ipse* diferente do ‘eu’ do projeto, não libera nenhuma ‘essência permanente e habitualmente escondida das coisas’, senão a comunicação, estado em que somos jogados quando, arrancados do desconhecido, só apreendemos das coisas o desconhecido, habitualmente oculto nelas (Bataille, 1943, p. 151).

Ipse e não eu. “(...) a incógnita que nós mesmos somos, o *ipse* infinitamente frágil, trêmulo, consciente de sua fragilidade, não o *eu* seguro de si, imaginando-se necessário e tentando conhecer” (Bataille, 1943, p. 206).

Item 2

Michel Leiris e as touradas como violação simbólica de uma ordem. Nenhum prazer estético será então possível sem que haja violação, transgressão, excesso, pecado em relação a uma ordem ideal que faz as vezes da regra” (Leiris, 1938, p. 39).

Sexo: a impossibilidade da comunhão total. “A comunhão total de dois seres só poderia efetuar-se com a morte, se um e outro se aniquilassem no instante preciso do paroxismo, antes que tivessem tempo de se soltar, de descer lentamente a ladeira na qual se converterá a escarpa tão prodigiosamente abrupta que ambos, há um instante, haviam galgado” (Leiris, 1938, p. 48-50). *O nojo que sucede ao ato.* “Além de ser expressão retardada do impulso de agressão imediatamente ligado ao prurido sexual, esse desejo maligno manifesta a decepção, o sentimento de trapaça que se sente diante da rachadura, da margem de impossibilidade. Um tal fracasso do amor – que facilmente toma proporções de avalanche, a impossibilidade de uma fusão completa e a perturbação causada pela descoberta dessa falha somando-se uma à outra e formando uma bola de neve – só é contido pelo processo automático de transformação do impulso de ódio em seu contrário. Assim como passamos da sensação de plenitude à desilusão, também o vácuo produzido, a percepção de uma falta e tudo o que uma tal lesão implica de insuportável não pode deixar de produzir uma nova aspiração delirante. É nossa percepção de sua insuficiência que desfaz o amor e é nosso próprio desespero que o faz ressurgir, de modo que, se toda plenitude parece ne-

cessariamente grávida de uma dilaceração (...), toda dilaceração sentimental assumirá reciprocamente a figura do caminho aberto, do preço pago para nova partida e novo alento, ao mesmo tempo que, medida de nosso vácuo – isto é, de nosso infinito –, deverá aparecer como uma revelação” (Leiris, 1938, p. 51-52).

Sexo: o torto + o reto = sagrado. “O que diferencia essencialmente o erotismo de outras atividades nas quais o corpo humano (...) ocupa o centro – como as ações ligadas aos esportes ditos ‘atléticos’ – é a presença daquele elemento torto cuja junção com o reto faz irromper – ardência do derradeiro transe – o sentimento do *sagrado* (isto é: de algo posto à parte, como tabu, em posição de ápice vertiginoso por estar simultaneamente acima e ao revés do comum, sem-igual e fora-da-lei, prestigioso e rejeitado), centelha a marcar subitamente a união estridente de duas naturezas – torta e reta – no momento em que estamos separados da tangência por um hiato infinitesimal” (Leiris, 1938, p. 55-56).

Somos seres descontínuos com nostalgia da continuidade perdida. “A reprodução coloca em jogo dois seres *descontínuos*. Os seres que se reproduzem são distintos uns dos outros, e o seres reproduzidos são distintos entre si como são distintos daqueles dos quais eles se originaram. Cada ser é distinto de todos os outros. Seu nascimento, sua morte e os acontecimentos de sua vida podem ter um interesse para os outros, mas ele é o único diretamente interessado. Ele nasce só. E morre só. Entre um ser e um outro há um abismo, uma descontinuidade” (Bataille, 1957, p. 21-22).

A continuidade é nossa morte. “Para nós, que somos seres descontínuos, a morte tem o sentido da continuidade do ser: a reprodução leva à descontinuidade dos seres, mas ela coloca em jogo sua continuidade, quer dizer, ela está intimamente ligada à morte” (Bataille, 1957, p. 22). “A proximidade da continuidade, a embriaguês da continuidade dominam a consideração da morte. Em primeiro lugar, a perturbação erótica imediata nos dá um sentimento que supera tudo, um sentimento tamanho que as sombrias perspectivas ligadas à situação do ser descontínuo caem no esquecimento. Ademais, além da embriaguês aberta à vida juvenil, nos é dado o poder de, cara a cara, abordar a morte e de enfim ver nela a abertura à continuidade ininteligível que não pode ser conhecida, que é o segredo do erotismo, e da qual só o erotismo carrega o segredo” (Bataille, 1957, p. 39). “A morte só é o fim da crise sexual em casos raros, dos quais, é preciso dizer, a sig-

nificação é impressionante. Para nossa imaginação, tão impressionante que o enfraquecimento que se segue ao paroxismo final é considerado como uma ‘pequena morte’” (Bataille, 1957, p. 156). “(...) a tristeza que se segue ao espasmo final pode provocar um gosto antecipado da morte” (Bataille, 1957, p. 158). Zangão: (Bataille, 1957, p. 369).

Mas morte incomoda. Horror do cadáver como ambigüidade: signo de violência e ameaça de contágio com a violência (Bataille, 1957, p. 71). Morto é um perigo. Enterra-se para protegê-lo, mas também para se protegerem do “contágio” (Bataille, 1957, p. 73). “(...) o horror à morte não está somente ligado ao aniquilamento do ser, mas à podridão que devolve as carnes mortas à fermentação geral da vida” (Bataille, 1957, p. 85). *Temos nostalgia da continuidade.* “Somos seres descontínuos, indivíduos que morrem isoladamente em uma aventura ininteligível, mas temos a nostalgia da continuidade perdida. Suportamos mal a situação que nos sujeita à individualidade do acaso, à individualidade perecível que somos. Ao mesmo tempo que temos o desejo angustiado da duração deste perecível, temos a obsessão por uma continuidade primeira, que nos religa geralmente ao ser” (Bataille, 1957, p. 25-26). Bataille cita Bossuet em: Bataille, 1957, p. 93.

Item 3

Erotismo como experiência interior. “(...) o erotismo [é] um aspecto da *vida interior*, se quisermos, da vida religiosa do homem” (Bataille, 1957, p. 48). *E a experiência interior é incomunicável.* “Podemos mesmo falar dessa experiência rudimentar, admitindo que ela nos é incomunicável” (Bataille, 1957, p. 157).

Experiência interior dos animais. “(...) não posso viver a experiência interior dos animais, ainda menos dos animálculos. Também não posso conjecturá-la. Mas os animálculos têm como os animais complexos uma experiência de dentro: não posso ligar à complexidade, ou à humanidade, a passagem da existência *em si* para a existência *por si*. Atribuo mesmo até à partícula inerte, abaixo do animálculo, essa existência *por si*, que gosto de chamar de dentro, experiência interior, e cujos termos que nunca a designam são satisfatórios. Da experiência interior que não posso ter, nem imaginar por hipótese, não posso, contudo, ignorar que, por definição, ela implica, na base, um sentimento de si. Esse sentimento elementar não é a *consciência*

de si. A consciência de si é consecutiva à dos objetos, que só é distintamente dada na humanidade” (Bataille, 1957, p. 155).

Cristianismo e transgressão. O cristianismo reduz o peso da transgressão (do assassinato). Ele tira a identidade entre sacrifício e sexo (Bataille, 1957, p. 140).

Erotismo como aprovação da vida até a morte. “Do erotismo, é possível dizer que ele é a aprovação da vida até na morte” (Bataille, 1957, p. 19). “Na passagem da atitude normal ao desejo existe uma fascinação fundamental pela morte” (Bataille, 1957, p. 31). “O movimento do amor, levado ao extremo, é um movimento de morte” (Bataille, 1957, p. 64). *Desejo de matar = desejo sexual*. Massacres: em cada homem existe um potencial assassino (cf. Bataille, 1957, p. 110). O suplício dos prisioneiros é mais saboroso que o próprio combate (cf. Bataille, 1957, p. 121).

Todo erotismo é sagrado (Bataille, 1957, p. 26). “No erotismo, interdição e transgressão são mais claras” (Bataille, 1957, p. 108 et seq.). Sobre o canibalismo como quebra, o tabu da proximidade do morto, ver Bataille, 1957, p. 109.

A transgressão alimenta o sexo. “(...) a transgressão não é só efetivamente necessária a essa liberdade [dos impulsos mais voluptuosos]. Acontece que, sem a evidência de uma transgressão, não experimentaríamos mais esse sentimento que a plenitude da realização sexual exige” (Bataille, 1957, p. 167). “Muitas mulheres só podem gozar criando a fantasia da violação” (Bataille, 1957, p. 167).

Erotismo é o campo da violência, campo da violação (Bataille, 1957, p. 27). “Toda a atividade do erotismo tem por fim atingir o ser mais íntimo, no ponto onde ficamos sem forças. A passagem do estado normal ao desejo erótico supõe em nós a dissolução relativa do ser constituído na ordem descontínua” (Bataille, 1957, p. 29). “O que está em jogo no erotismo é sempre uma dissolução das formas constituídas” (Bataille, 1957, p. 31). “Toda a realização erótica tem por princípio uma destruição da estrutura do ser fechado que, no estado normal, é um parceiro do jogo” (Bataille, 1957, p.29). “É, portanto, sob a forma da possibilidade maldita, condenada – sob a forma de ‘pecado’ –, que a verdade íntima chega à consciência” (Bataille, 1957, p. 255).

Erotismo é comunicação. “(...) a atividade sexual, o que a anuncia (...) coloca facilmente a testemunha em um estado de *participação* (...). Um tal estado é perturbador e, ordinariamente, exclui a observação metódica da ciência: vendo, escutando rir, eu participo *de dentro* da emoção daquele que ri. É essa emoção sentida de dentro que, comunicando-se comigo, ri em mim. O que conhecemos na participação (na comunicação) é o que sentimos *intimamente*: conhecemos imediatamente o riso do outro rindo ou sua excitação partilhando-a. É justamente nisso que o riso ou a excitação (mesmo o bocejo) não são coisas: geralmente não podemos participar da pedra, de um pedaço de madeira, mas participamos da mulher que abraçamos” (Bataille, 1957, p. 238-9).

Não nos comunicamos, exceto na sexualidade. “Esse abismo [a descontinuidade] se situa, por exemplo, entre vocês que me escutam e eu que lhes falo. Tentamos nos comunicar, mas nenhuma comunicação entre nós poderá suprimir uma diferença primeira” (Bataille, 1957, p. 22). “(...) apenas o ser amado pode realizar neste mundo (...) a plena fusão de dois seres” (Bataille, 1957, p. 33). “A paixão nos repete incessantemente: se você possuísse o ser amado, este coração que a solidão estrangula formaria um só coração com o ser amado” (Bataille, 1957, p. 33-34). “(...) a natureza nos faz nascer sós, não existe nenhuma espécie de relação de um homem com o outro (Sade)” (Bataille, 1957, p. 262).

Crise do isolamento → pletora → comunicação. “Os momentos de pletora em que os animais estão arrebatados pela febre sexual são os momentos de crise de seu isolamento” (Bataille, 1957, p. 153). *Crise/Comunicação = abalo de uma ordem.* “O que é, antes de tudo, sensível no erotismo é o abalo, por uma desordem pletórica, de uma ordem expressiva, de uma realidade parcimoniosa, de uma realidade fechada” (Bataille, 1957, p. 163). *Comunicação abre uma chaga.* “Na vida humana, ao contrário [da vida animal], a violência sexual abre uma chaga” (Bataille, 1957, p. 163-4).

No orgasmo, a ligação com o infinito. “Esse desejo de soçobrar [desejo de “perder o pé” durante o jogo sexual], que fustiga intimamente cada ser humano, difere contudo do desejo de morrer pelo fato de ele ser ambíguo: é, sem dúvida, o desejo de morrer, mas é, ao mesmo tempo, o desejo de viver, nos limites do possível e do impossível, com intensidade sempre maior. É o desejo de viver deixando de viver ou de morrer sem deixar de viver, o desejo de um estado extremo que talvez somente Santa Teresa descreveu de maneira bastante forte com estas palavras: ‘Morro de não morrer!’ Mas

a morte de não morrer não é precisamente a morte, é o estado extremo da vida; se morro de não morrer é com a condição de viver: é a morte que experimento vivendo, continuando a viver” (Bataille, 1957, p. 377). *Sobre o tantrismo*. “Os hindus, com efeito, baseiam os exercícios de tantrismo sobre a possibilidade de provocar uma crise mística com a ajuda de uma excitação sexual” (Bataille, 1957, p. 390).

A transverberação de Santa Teresa: “Vi nele uma comprida lança de ouro e sua ponta parecia ser um ponto de fogo. Parece que ele a enterrou muitas vezes em meu coração e perfurou minhas entranhas! Quando retirava a lança, parecia também retirar minhas entranhas e me deixar toda em fogo do grande amor de Deus. A dor era tão grande que me fazia gemer, porém a doçura dessa dor excessiva era tal que eu não podia pensar em ficar livre dela... A dor não é corporal, mas espiritual, embora o corpo tenha a sua parte e mesmo uma grande parte. É uma carícia de amor tão doce, que então acontece entre a alma e Deus, que rogo a Deus em sua bondade que faça com que ela seja experimentada a quem quer que pudesse acreditar que estou mentindo” (Bataille, 1957, p. 352-3).

Item 4

Erotismo dos corpos como violação do ser do parceiro. “É, essencialmente, a parte feminina que é *desagregada* como ser constituído. Mas, para o parceiro masculino, a dissolução da parte passiva só tem um sentido: ela prepara uma fusão na qual se misturam dois seres que, no fim, chegam juntos ao mesmo ponto de dissolução” (Bataille, 1957, p. 29). *O homem despe a mulher*, suprime-lhe a “descontinuidade” (de sua roupa), ela a “descarrega”, ela torna-se despossuída, já não é impenetrável, o homem a penetra (cf. Bataille, 1957, p. 141).

Não há fusão dos dois seres no ato sexual: há compartilhamento da crise. “Cada ser contribui para a negação que o *outro* faz de si mesmo, mas essa negação não acaba nunca no reconhecimento do parceiro (...). A violência de um propõe a violência do *outro*: de cada lado, trata-se de um movimento interno que obriga o ser a estar *fora de si* (fora da continuidade individual). Acontece o encontro entre dois seres: nesse encontro, a pletora sexual os projeta para *fora de si* – a mulher lentamente, o homem, às vezes, de maneira fulminante. No momento da união o casal animal não é formado por dois seres descontínuos que se aproximam, unindo-se numa corrente

de continuidade momentânea: propriamente falando, não existe união, dois indivíduos sob o império da violência, associados por reflexos ordenados da conexão sexual, compartilham um estado de crise em que tanto um quanto outro estão fora de si. Os dois seres estão ao mesmo tempo abertos à continuidade” (Bataille, 1957, p. 161).

A nudez. “A nudez se opõe ao estado fechado, quer dizer, ao estado de existência descontínua. É um estado de comunicação que revela a busca de uma continuidade possível do ser além do retratar-se em si mesmo. Os corpos se abrem para a continuidade por intermédio desses condutos secretos que nos provocam o sentimento da obscenidade” (Bataille, 1957, p. 29).

O obsceno. “A obscenidade significa a perturbação que incomoda um estado dos corpos semelhante à possessão de si, semelhante à possessão duradoura e afirmada. Há, ao contrário, despossessão no jogo dos órgãos que se derramam na renovação da fusão, semelhante ao vaivém das ondas que se penetram e se perdem uma na outra. Essa despossessão é tão inteira que no estado de nudez que a anuncia, que é emblema, a maioria dos seres humanos se esconde, com mais razão ainda se a ação erótica que acaba por despossuí-la sucede a nudez” (Bataille, 1957, p. 29-30).

A beleza profanada. “Se a beleza, cuja perfeição rejeita a animalidade, é apaixonadamente desejada, é que nela a possessão introduz a sujeira animal. Ela é desejada para ser sujada. Não por ela mesma, mas pela alegria experimentada na certeza de profaná-la” (Bataille, 1957, p. 226). *Leonardo da Vinci:* “Leonardo [Leonardo da Vinci, que fala, em *Carnets*, que o ato da cópula é muito feio e só os belos rostos salvam a espécie humana] não vê que a atração de um belo rosto ou de uma bela roupa atua na medida em que esse belo rosto anuncia o que a roupa dissimula. Trata-se de profanar esse rosto, sua beleza” (Bataille, 1957, p. 226). “A beleza importa em alto grau no que toca ao fato de a feiúra não poder ser sujada, e que a essência do erotismo é a sujeira” (Bataille, 1957, p. 229).

Erotismo dos corações, a paixão e o sofrimento. “A própria paixão feliz impele a uma desordem tão violenta que a felicidade em questão, antes de ser uma felicidade possível de se gozar, é tão grande que é comparável a seu contrário, o sofrimento” (Bataille, 1957, p. 32). *E também:* “As chances de sofrer são ainda maiores na medida em que apenas o sofrimento revela a inteira significação do ser amado. A possessão do ser amado não significa a

morte, ao contrário, mas a morte está envolvida em sua procura. Se o amante não pode possuir o ser amado, pensa às vezes em matá-lo: freqüentemente preferiria matá-lo a perdê-lo” (Bataille, 1957, p. 33). “Se a união de dois amantes é o efeito da paixão, ela faz apelo à morte, ao desejo de matar ou de suicídio” (Bataille, 1957, p. 34). “O movimento do amor, levado ao extremo, é um movimento de morte” (Bataille, 1957, p. 64). “Para o amante, parece que apenas o ser amado – isso diz respeito a correspondências difíceis de definir, acrescentando à possibilidade de união sexual a da união dos corações – pode realizar neste mundo o que nossos limites proíbem, a plena confusão de dois seres, a continuidade de dois seres descontínuos” (Bataille, 1957, p. 33).

Erotismo do sacrifício. “A vítima é um excedente retirado da massa de riqueza *útil*. E ela só pode ser retirada para ser consumida sem lucro, conseqüentemente destruída para sempre. Ela é, a partir do momento em que é escolhida, a parte maldita, prometida ao consumo violento” (Bataille, 1957, p. 97-98). “Não há só desnudamento, há a morte da vítima” (Bataille, 1957, p. 36). “O sagrado é justamente a continuidade do ser revelado aos que fixam sua atenção, em um rito solene, sobre a morte de um ser descontínuo” (Bataille, 1957, p. 36). No sacrifício, a vítima torna-se contínua, ilimitada, próxima ao Infinito” (Bataille, 1957, p. 140).

[recebido em janeiro 2008; aceito em julho 2008]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERONI, F. *O erotismo*. Trad. Élia Edel. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- BATAILLE, G. [1933]. A noção de despesa. *La Critique Sociale*, 7, janeiro de 1933. [Reproduzido em Bataille, 1967].
- _____. [1943]. *A experiência interior*. Trad. Celso Libânio Coutinho; Magali Montagné; Antonio Ceschin. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- _____. [1957]. *O erotismo*. Trad. Cláudia Fares. São Paulo: ARX, 2004.
- _____. [1967]. *A parte maldita*. Precedida de *A noção de despesa*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- LEIRIS, Michel [1938]. *O espelho da tauromaquia*. Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
- LÉVINAS, E. 1947. *De l'existence à l'existant*. 2ª ed., Paris: Vrin, 1998.
- _____. 1971. Sensibilité et proximité. In: *L'intrigue de l'infini*. Paris: Flammarion, 1994.
- NESSMANN, A.-F. [1985]. Verbete “Georges Bataille”. In: Le Petit Robert 2. *Dictionnaire Universel des Noms Propres*. Paris: 1985.